

Lembranças de um mestre (Azis Simão)

Maria Arminda do Nascimento Arruda

T

anto quanto sei, a minha lembrança mais recuada do professor Azis Simão data dos meus primeiros tempos de estudante do curso de Ciências Sociais. O ano é impreciso. Possivelmente final de 1968 ou início de 1969, durante uma assembleia realizada no anfiteatro da História, ocasião em que a implantação da reforma universitária era discutida por alunos e professores. Os ânimos estavam exaltados, e não poderia ser diferente. A transferência abrupta do curso para a Cidade Universitária expunha, melancolicamente, a tragédia dos acontecimen-

MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA
é professora titular da FFLCH-USP e pró-reitora de Cultura e Extensão Universitária da USP.

tos desenrolados na Rua Maria Antonia e o lugar, obtido por empréstimo, aprofundava o sentimento de revolta que sucedeu à expulsão da faculdade. A tensão do ambiente era superlativa, na qual o temor da repressão iminente era uma das faces da eletricidade que pairava no ar. Em certo momento, os estudantes começaram a protestar, na tentativa de calar o professor que iria relatar sobre o andamento dos trabalhos na comissão de implementação da reforma, por julgá-lo insuficientemente crítico das novas diretrizes. Em meio à confusão geral, levantou-se um senhor, sentado na primeira fila, pronunciando com voz enérgica e potente: “Deixem-no falar; todos têm igual direito de expor suas ideias; ninguém pode cassar a liberdade de expressão”. Imediatamente fez-se um silêncio profundo e eu sussurrei para Gisela, sentada a meu lado: “Quem é esse senhor?”. Ela respondeu-me: “Não sei bem... parece que é o professor Azis Simão”. Creio que foi essa a primeira vez que vi o meu futuro orientador e já ficara muito impressionada com a sua figura carismática, com o volume da sua cabeça recoberta por vasta cabeleira branca.

Sem o saber, eu começava, naquela hora, o meu relacionamento com o professor Azis. Mal saída da adolescência, percebi o poder da palavra, a força da sua relação inextricável com a liberdade, da aceitação do diálogo que pressupõe o reconhecimento da igualdade, da reciprocidade, do respeito ao outro, da civilidade, da capacidade de instaurar o mundo especificamente humano, guiado pela busca do entendimento e jamais pela violência. Eu aprendera mais naquele momento, vejo agora, do que em anos de convivência com os livros: divisei a potência transformadora das palavras, o seu papel criador e as virtu-

alidades de construção e de destruição que encerram. Depois de ditas, as palavras não morrem, ficam vagando nas nossas mentes, como se fossem dotadas do dom da eternidade¹. Conheci o caráter transcendente das palavras. “A palavra, por ser transgressora, transforma” (Silva, 1996, p. 54).

O professor Azis Simão foi, sobretudo, o homem da palavra, da oralidade, das longas conversas, da audição (e como era bom ouvinte), dos sentidos que lhe permitiam contornar a sua deficiência visual. Mas o seu apego ao som não parece se explicar simplesmente pelas limitações da visão, sobre as quais, aliás, oferecia lições de vida. Muitos anos após o meu primeiro contato com ele, pude vê-lo num programa de televisão, quando se lhe perguntaram a respeito da vivência da cegueira. Lembro-me reiteradamente da sua resposta: “Todos convivemos com limitações. Os olhos normais, ao contemplarem o céu, só divisam as luzes discretas das estrelas, sem enxergarem os astros. O que é deficiência?”. O convívio com a escuridão, desde 1935, não lhe aconteceu de modo abrupto, permitindo-lhe adaptar-se “às novas condições de vida” (Simão, 1988, p. 11). A cegueira paulatina, diz Borges, é apenas “um lento entardecer”. Professor Azis talvez tivesse sido a mesma pessoa apegada aos sons, mesmo que a cegueira não lhe tivesse atingido em plena mocidade.

Gostava de conversar de modo solto, deixar as ideias fluírem, sem a preocupação de dirigi-las para conteúdos necessários.

1 “[...] *one can never take away what has been spoken, as every spoken Word in a eternal creation. Like God, we create and destroy our own world with words*” (Sollman, 1997, p. 28 apud Lamounier, 1998, p. 12).

Tinha tempo e paciência para ouvir, ainda quando as obrigações eram urgentes. Era de uma geração que cultivava relacionamentos, cristalizados nas “conversas de livraria, redação de jornal, grupos políticos, rodas de cafés e bares” (Simão, 1988, p. 11). Era também de uma geração que acreditava na dimensão pública da palavra, sem se descurar de formação intelectual em sentido amplo. “Na transição das décadas de 20 e 30, comecei a alargar minha formação secundária, já acrescida de esparsas leituras, principalmente entre anarquistas, socialistas e comunistas dissidentes. Seu minguado número de intelectuais não se restringia à leitura de seus ideólogos nem ao cultivo da política e à sua militância. Eram pessoas de inteligência humanística e cultura variada, para quem Proudhon não excluía Balzac, Marx não dispensava Bach, Lenin e Trotsky não marginalizavam Gide e Malraux, nem tampouco os de lá eliminavam Mário de Andrade e Tarsila” (Simão, 1988, p. 12). Vinha ainda de uma geração que construiu o desenvolvimento institucional das ciências sociais no Brasil, apesar de todas as hesitações inerentes às situações iniciais.

“A rigor, a consolidação institucional uspiana foi se construindo em meio a essa faixa crescente de desencontro entre os objetivos do projeto original tal como fora definido pelos setores de elite por ele responsáveis e os rumos acadêmicos profissionalizantes pelos quais enveredou a universidade em resposta às demandas de sua base social de atendimento (os formados). Tal pleito decerto não teria êxito não fora o ritmo avassalador das transformações econômicas e sociais em curso no estado de São Paulo, sede dos focos mais intensos de industrialização, urbaniza-

ção e modernização dos sistemas de ensino e de produção cultural” (Miceli, 1989, p. 84).

O professor Azis discrepava dos seus colegas assistentes de Fernando de Azevedo. Enquanto Florestan Fernandes encerrava a figura acabada do sociólogo especializado, de perfil profissional e devotado ao saber científico, Antonio Candido dedicava-se crescentemente ao seu gosto pela crítica da literatura até encaminhar-se, definitivamente, para o curso de Letras. Ruy Coelho, apesar de ter permanecido na Sociologia até o fim da vida, desenvolvia profundo interesse pela crítica da cultura, especialmente da literatura, afastando-se dos cânones correntes da sociologia. Apenas Azis Simão manteve o perfil mais definido de sociólogo de formação humanística². O seu livro *Sindicato e Estado* (Simão, 1966), hoje um clássico da sociologia brasileira, exprime a conciliação entre as suas preocupações intelectuais e políticas, estabelecendo uma ponte com a fase da sua militância sindical:

“Por outro lado, minha militância sindical na União dos Trabalhadores Gráficos, seção de jornalistas, constitui também uma experiência intelectual que muito estimo. Professor de Ciências em escola proletária, pois me formara em Farmácia, fui me interessando pela história do movimento operário e do sindicalismo. Se para a Europa havia livros a respeito disponíveis, para o Brasil era preciso ouvir os militantes mais velhos e com eles orientar-se na leitura dos jor-

2 A respeito da formação da sociologia em São Paulo, ver Arruda (1995, pp. 107-232). Sobre o caráter eclético da formação intelectual dessa geração, ver Pontes (1998).

nais antigos. Embora na ocasião tenha mais conversado que consultado documentos, isto foi suficiente para despertar o interesse pela história do operariado. Também um ganho efetivo inapreciável: entre colegas, intelectuais e operários, fiz amigos de toda a vida” (Simão, 1988, p. 12).

As suas preocupações políticas não arrefeceram, pelo menos segundo as minhas lembranças, com o decorrer dos anos. Mantinha permanente contato com o grupo anarquista liderado por Jayme Cuberos e com vários outros antigos militantes. Foi a consciência da importância que o meu orientador atribuía a esses laços que me fez aceitar o convite para pronunciar palestra no Centro Anarquista, localizado em acanhado espaço num prédio comercial do Brás, uma vez que a data e o horário desanimavam qualquer pessoa: sábados durante a tarde. Apesar de ter apreciado muito a experiência, só acatei a solicitação por julgar que a minha aquiescência seria de grande agrado do meu professor. Ele não procurava converter-nos às suas posições, tampouco as escondia.

“Como era notório, os professores seguiam o tradicional princípio de não fazer da cátedra uma tribuna, como era costume dizer. Nem por isso eu me sentia mentalmente bifurcado em professor e político. Ambos estavam indissolúveis no mesmo intelectual zeloso da ética de seu ofício, em mim como nos outros. Apesar da distinção formal, nossas posições ideológico-partidárias eram sobejamente conhecidas” (Simão, 1988, p. 16).

A dimensão ética da sua condição de professor pressupunha, assim, a palavra como inauguração do sentido público que

conferia ao *métier*, ligada à ideia da pluralidade, ao seu caráter libertário e iniciador³. É como se a palavra expressisse a “libertação das mentes”, o lema de maio de 1968 que ele mais apreciava.

Mas foi como aluna do seu curso sobre as Organizações Burocráticas, no último ano da faculdade, que pude perceber as expressões mais desenvolvidas da sua postura. Pela primeira vez li Max Weber de modo sistemático e travei conhecimento com a literatura sociológica recente a respeito da burocracia. Professor Azis nutria verdadeira ojeriza ao crescente poder da burocracia, nem mesmo absolvía aqueles tipos de administração *soi disant* representantes de sociedades socialistas. A crítica que dirigia ao socialismo real era acerba, afirmando que a liberdade não podia se submeter a nenhum princípio, mesmo que fosse ao da igualdade. Não dava trégua à *nomenklatura* e jamais lhe concedeu qualquer alforria. Ele próprio só havia se formado em Ciências Sociais e se tornado professor de Sociologia na Universidade de São Paulo por causa da ausência de regulamentos e normas cerceadores das diferenças:

“Eu tinha essa formação e esse passado quando, na secretaria da Faculdade de Filosofia, expliquei minha situação, perguntando se poderia frequentar alguns cursos. Para minha surpresa, podia até mesmo matricular-me como aluno ouvinte, sem quaisquer formalidades especiais, o que possivelmente não aconteceria em outra faculdade. Depois da

3 “Para Arendt como para Freud, a saída está na palavra. Na palavra encontra-se a possibilidade do ‘recomeço’, única alternativa ao ciclo do eterno retorno. Trata-se, então, de tentar entender o que, no presente, vem impedindo a palavra de funcionar em sua dimensão libertária e iniciadora” (Costa, 1998, p. 110).

experiência de um ano, por sugestão de alguns professores e com a aprovação da diretoria, prestei o vestibular e matriculei-me regularmente em Ciências Sociais, autorizado a redigir minhas provas datilograficamente. Não se veja nisto nenhuma proeza: com a colaboração da família e dos amigos, sempre tive bons olhos. Conto este caso para satisfazer curiosidade e mostrar mais um lado da mentalidade que imperava em nossa faculdade há 50 anos atrás” (Simão, 1988, p. 12).

Nos primeiros anos de sua criação, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras já transpirava uma atmosfera francamente liberal, que se tornaria paulatinamente libertária, capaz de absorver as diferenças e de assimilar os que escapavam das normas⁴. Somente em ambiente desse gênero, professor Azis pôde ocupar a função de professor, a convite de Fernando de Azevedo, o que seria absolutamente improvável nos dias de hoje, ocupados por regulamentos e decretos que visam a enquadrar a atividade acadêmica segundo princípios burocráticos, eliminadores de quaisquer diferenças. O repúdio de professor Azis ao excesso de regulamentos teria se cristalizado a partir desses acontecimentos? Possivelmente, apenas na Faculdade de Filosofia poderia encontrar condições favoráveis para reequacionar a sua nova condição, em cujo espaço brotavam inclinações profissionais renovadas, conviviam pessoas que antes não chegariam às salas das chamadas escolas tradicionais. Todos vivenciavam uma situação de completo aprendizado: “Nossa escola foi um lu-

gar para as vocações que não tinham lugar” (Simão, 1988, p. 14). Compreensivelmente, desenvolvera grande afeto pela faculdade e nítida tristeza, quando da sua aposentadoria, por ter atingido a idade do afastamento compulsório. Enquanto esteve na instituição, participou ativamente da vida acadêmica, orientou teses, ministrou cursos.

O professor Azis era um mestre dotado de um discurso claro, objetivo, distante do hermetismo da linguagem técnica da disciplina, ainda tão em voga naquela época. Não intimidava os seus alunos, estando sempre disponível ao diálogo e aberto às discussões. Apesar dessa postura, não lhe faltava rigor nos julgamentos dos trabalhos que exigia semanalmente. Devolvia-os, na aula seguinte, lidos e comentados. A letra de dona Nena, sua mulher, era inconfundível. Desde que passei a conviver com o professor Azis, admirei a extrema dedicação de dona Nena, que lia todos os textos e anotava as observações à margem. Ela era os olhos que lhe faltavam, a sua visão arguta, o seu guia até a sala de aula, vindo buscá-lo no fim do período. Preservo fortes lembranças dos colóquios de orientação, quando dona Nena e as filhas Lívia e Lúcia nos recebiam, a mim e a Gisela, carinhosamente, participando da conversa nos momentos iniciais e deixando-nos discretamente em seguida, fechando silenciosamente a porta do gabinete.

As conversas eram longas e, não raro, entravam nas primeiras horas da madrugada. O meu orientador manifestava certa preferência por aqueles encontros noturnos na sua residência, primeiro na casa da Vila Mariana e depois no amplo apartamento do Itaim. Quem sabe, o gosto pela noite tenha se formado nos anos da sua juventude:

4 A respeito das orientações doutrinárias e políticas dos criadores da Universidade de São Paulo, consultar Cardoso (1982).

“Fiquei meio boêmio. Mas o que era boemia? Defino o boêmio como aquele que não tem relógio, que esquece o tempo. Os intelectuais... encontravam-se nos cafés. Eu ia à cidade e sabia onde encontrar os amigos. As conversas ‘nos cafés sentados’, à tarde ou à noite, tinham enorme importância intelectual não apenas em São Paulo, mas em todas as grandes cidades do país” (Simão, 1989, p. 68).

A sua cigarrilha, fumada com alguma parcimônia e abandonada poucos anos antes da morte, era resquício da sua atração juvenil pela vida boêmia. Atribuo o meu gosto de receber os orientandos em casa à memória do sentimento agradável que fluía daqueles momentos. Mas, no conjunto desses encontros, jamais me esquecerei de uma situação em especial. Escrevia minha tese de doutoramento e o professor Azis, após chamar a atenção para problemas centrais da teoria, falou-me a propósito de uma passagem em que eu analisava *Grande Sertão: Veredas*. “Nunca se esqueça do significado do nome Riobaldo. É rio vazio. Torrente que flui, que perdeu substância.” Pela primeira vez, tive a impressão de que uma sombra de vida se passava nos seus olhos mortos. O seu rosto subitamente iluminou-se, havia a presença de sonho no seu semblante. Penso muitas vezes nesse episódio, sem conseguir encerrá-lo totalmente numa teia

compreensiva. Sabia que o meu professor apreciava, e muito, a literatura⁵. Conhecia a sua concordância com o meu trabalho. Mas nenhuma das possíveis explicações parece suficiente. Era como se ele trouxesse subitamente à memória algo de muito profundo, que estivesse revisitando uma experiência inexcelsível. Eu me calei. O espaço ficou ocupado pelo nosso silêncio.

O meu orientador, a pessoa para quem a palavra era tão essencial, percebia a eloquência do silêncio. Foi assim quando eu me decidi por concorrer à vaga de professor junto ao Departamento de Sociologia da USP. Estranhei o seu mutismo e a ausência dos seus telefonemas. Por pudor, não o consultei sobre a minha decisão de prestar o concurso. Após o resultado e a minha indicação, chamou-me ao telefone: “Acompanhei o seu desempenho; estou orgulhoso de você”. Compreendi, então, que ele jamais estivera distante, torcia por mim, afastara-se em nome dos princípios, estava preservando a ética da vida acadêmica. O seu silêncio não significava isolamento da nossa relação, ou possível desinteresse. Ele estivera permeado por palavras não verbalizadas, mas a todo tempo pronunciadas de modo inaudível. Desde então, após anos da sua morte, ainda ouço as palavras do professor Azis, servindo-me de guia e iluminando o meu caminho.

5 “Trabalhava com meu pai. Quando nos mudamos para São Paulo, em 1928, ele me colocou numa casa atacadista (de café). Fiquei apenas três meses nesse emprego. Foi o suficiente... Ele percebeu então que não tinha jeito mesmo e achou que eu

poderia trabalhar como autônomo... Não era um trabalho ruim. Enquanto andava pelas ruas, pensava em literatura. Vocês sabem: todos daquela geração começávamos nossa vida intelectual pela literatura” (Simão, 1989, p. 67).

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. "A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a 'Escola Paulista'", in Sergio Miceli (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. II. São Paulo, Sumaré, 1995, pp. 107-232.
- CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. *A Universidade da Comunhão Paulista*. São Paulo, Cortez, 1982.
- COSTA, Jurandir Freire. "Não Mais, Não Ainda: a Palavra na Democracia e na Psicanálise", in *Revista USP* n. 37. São Paulo, CCS-USP, mar.-mai./1998, pp. 108-19.
- LAMOUNIER, Bolívar. *Discurso de Posse na Academia Paulista de Letras*. São Paulo, Sumaré, 1998.
- MICELI, Sergio: "Condições do Desenvolvimento das Ciências Sociais", in Sergio Miceli (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. 1. São Paulo, Vértice, 1989.
- PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos. Os Críticos do Grupo Clima em São Paulo (1948-1968)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. "A Dimensão Ética da Palavra", in *Tempo Social*, vol. 8, n. 2. São Paulo, outubro de 1996.
- SIMÃO, Azis. "Entrevista", in *Ciência Hoje*, vol. 9, n. 53, maio de 1989.
- _____. "Na Faculdade", in Maria Cecília Loschiavo dos Santos (org.). *Maria Antonia: Uma Rua na Contramão*. São Paulo, Nobel, 1988.
- _____. *Sindicato e Estado. Suas Relações na Formação do Proletariado em São Paulo*. São Paulo, Dominus/USP, 1966.
- SOLLMAN, Lev. *The Far Euphrates*. New York, Riverhead Books, 1997.

